

PAULA, Marlúbia Corrêa de; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; NASCIMENTO, Maria Manuel Silva; VIALI, Lorí. Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 56, p. 181-192, agosto de 2020 ISSN 1676-8965

ARTIGO

<https://grem-grei.org/rbse-revista-brasileira-de-sociologia-da-emocao/>

Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem

Henry Wallon's contributions: the role of emotion in learning

*Marlúbia Corrêa de Paula
Gleny Terezinha Duro Guimarães
Maria Manuel Silva Nascimento
Lorí Viali*

Recebido: 23.12.2019

Aceito: 01.06.2020

Resumo: Este artigo tem o propósito apresentar o contexto em que Henry Wallon era conhecido na França – como Psicólogo da Emoção. Sua formação humanista e atuação cotidiana o conduziram à filosofia, à medicina e à psicologia. Da junção de suas práticas profissionais e interesses em compreender como se dá a relação entre a emoção, a afetividade, o movimento e a inteligência criaram um foco de estudo que delineou os chamados campos funcionais. Quanto ao objetivo, é uma reflexão crítica sobre a concepção de aprendizagem escolar de Wallon; quanto aos aspectos metodológicos, à natureza, é uma pesquisa qualitativa, básica, envolvendo apenas um método de busca por meio de bibliografia e documentos selecionados para satisfazer uma necessidade intelectual, do ponto de vista do papel da emoção na aprendizagem. Quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica e documental. O trabalho se estrutura, de início, envolvendo os aspectos cronológicos da vida de Wallon, após de compreensões relativas à sua abordagem teórica. Em relação às conclusões, observa-se que a pessoa completa, proposta por Wallon, ainda não encontrou lugar na educação escolar do século XXI. **Palavras-chave:** teoria psicogenética, emoção, campo funcional

Abstract: This article aims to present the context in which Henry Wallon was known in France – as a Psychologist of Emotion. His humanistic training and daily practice led him to philosophy, medicine and psychology. By combining their professional practices and interests in understanding how the relationship between emotion, affectivity, movement and intelligence takes place it created a focus of study that outlined the so-called functional fields. As for the goal, it is a critical reflection on Wallon's conception of school learning. The methodological aspects, the nature, is a qualitative, basic research, involving only one method of searching through bibliography and documents selected to satisfy an intellectual need, from the point of view of the role of emotion in learning. As for the technical procedures is a bibliographic and documentary research. The work's structure, initially, involves the chronological aspects of Wallon's life, after that, comprehensions concerning his theoretical approach. Regarding the conclusions, it is observed that the complete person, proposed by Wallon, has not yet found a place in 21st century school education.

Keywords: psychogenetic theory, emotion, functional field

Introdução

Ao descrever, inicialmente, alguns dados da vida pessoal de Wallon, percebe-se que, embora tenha tido acesso a uma educação tradicional, ele carregava em si o legado do avô, que participava ativamente da vida política em seu país de origem – a França. Criado numa família humanista, o autor logo cedo manifestou desejo de estudar as questões que envolviam e envolvem a mente humana: a Psicologia. Como na época não havia curso de Psicologia, então, para compreender as questões humanas, começa sua formação por meio da Filosofia e em 1902, portanto, aos 23 anos, torna-se professor em um curso secundário. A docência é seu primeiro ofício, ocasião em que já discordava dos controles exercidos pela igreja na forma de conduzir suas aulas.

A preocupação em compreender o papel da emoção, entre os diversos elementos que interferem na aprendizagem, ainda é motivo de encontros e controvérsias no meio docente. No entanto, a necessidade de dimensionar o valor das questões afetivas não é atual.

Neste estudo, centra-se a contextualização na vida de Henry Wallon (1879-1962) e suas propostas sobre as questões que ultrapassam a educação comum ao dia a dia das escolas. Com este pensar, o autor reavalia as questões da Escola Nova, de John Dewey (1859-1952) e chama a atenção ao fato de que se esta busca romper com algumas opressões acaba por desprezar as dimensões sociais da educação, favorecendo o individualismo.

Esta colocação anterior parte de Izabel Galvão, Pedagoga graduada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), instituição em que realizou curso de mestrado e doutorado. Esse comentário se deve ao fato de que o envolvimento com estudos sobre Wallon data desde sua dissertação de mestrado, quando abordou o tema: “O espaço do movimento: investigação no cotidiano de uma pré-escola a luz da teoria de Henry Wallon”. Após a defesa de dissertação, Isabel Galvão recebeu o prêmio *Gottfries Hausmann* (UNESCO) pelo artigo “O espaço do movimento: uma análise dos conflitos nas interações entre professor e alunos de uma escola maternal”.

Convém mencionar, ainda, como dado de fundamentação teórica, a presença de Heloisa Dantas, docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), também reconhecida na literatura como estudiosa deste autor há 20 anos. Salienta-se que as colocações de Isabel Galvão e de Heloisa Dantas são de extrema importância para a compreensão das teorias do autor estudado, uma vez que este costumava fazer descrições de forma técnica, sem se preocupar em torná-las claras à compreensão de profissionais de áreas diferentes da medicina, questão claramente abordada na introdução da obra “Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil”, de Galvão (1995).

Wallon percebe o materialismo dialético como uma ótica filosófica especialmente capaz de captar a realidade em suas permanentes mudanças e transformações. Esse autor escreveu diversos artigos sobre temas ligados à educação, como orientação profissional, formação do professor, interação entre alunos e adaptação escolar (GALVÃO, 1995, p.17).

Galvão (1995) evidencia claramente que as questões colocadas por Wallon estão, como em todo o contexto ocidental, presas à teoria, posto que todo educador precisa estar imerso em questões que envolvam produção de conhecimento para ter possibilidade de interferir, ou de mediar, com eficiência, seja qual for o assunto ao qual se dedica. Demo (1998) ratifica esta ideia por meio do que chama de “questionamento reconstrutivo”.

Diante disso, o autor em estudo discute o papel da emoção na aprendizagem, considerando a escola o local não só onde se educa, mas também o ambiente ideal para estudar a personalidade da criança. A escolha de Wallon, neste artigo, decorre de uma inquietação própria, contendo as seguintes questões norteadoras: Como o autor se insere no tempo? Quais as características de sua abordagem? Quais os conceitos principais da teoria? Quais implicações isso poderá ter para a Educação em Ciências e Matemática?

No que se refere aos aspectos metodológicos, trata-se, quanto à natureza, de uma pesquisa básica, pois envolve apenas a busca para satisfazer uma necessidade intelectual; do ponto de vista da forma de abordagem, trata-se de uma análise qualitativa e, portanto, descritiva, e, finalmente, quanto aos procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica e documental.

O trabalho está estruturado com os textos dispostos inicialmente envolvendo os aspectos cronológicos da vida de Wallon, seguindo-se descrições sobre sua abordagem teórica; posteriormente, comenta-se, em novo subtítulo, quais os conceitos principais envolvidos em sua teoria e, finalizando, estruturam-se as ideias deste teórico buscando evidenciar quais as contribuições para o ensino de Ciências e Matemática.

Wallon: aspectos cronológicos

Dando início, utiliza-se uma abordagem cronológica para descrever um recorte do que foi a vida de Henri Paul Hyacinthe Wallon, entre seu nascimento, ocorrido em Paris (15/06/1879), e falecimento na mesma cidade (01/12/1962). Era filho de Paul Alexandre Joseph e neto de Henri-Alexandre Wallon. Seu avô recebeu destaque em sua biografia por ter sido considerado condutor de uma família universitária e republicana. Alexandre Wallon foi deputado na Assembleia Constituinte, autor da “Emenda Wallon”, tendo sido responsável pela introdução da palavra “república” na Constituição de 1875 (GALVÃO, 1995).

Os estudos de Wallon envolveram de início uma graduação em medicina, seguida de outras formações como a filosofia e, por fim, a psicologia, esta última tendo representado um reflexo de aptidões já demonstradas em sua juventude, conforme será apresentado no prosseguimento deste texto.

Aos 35 anos, portanto, no ano de 1914, Wallon esteve na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como médico, auxiliando pessoas com distúrbios psiquiátricos. Para esse autor, ao mesmo tempo em que estando na guerra contribuía com seu princípio de dívida social, observava que doenças psíquicas poderiam ter origem ainda na idade infantil. Por isso, mais tarde, centrou seus estudos na criança, para compreender a gênese da formação dos problemas.

Para Wallon, estar na guerra era necessário, pois era preciso contribuir para a sociedade; acreditava que as pessoas precisavam adquirir a ideia da existência de uma dívida social, pois, conforme Galvão (1995, p. 16), sob o título “Perfil de um humanista”, ele

por ocasião da formatura dos alunos, quando era feita a distribuição de prêmios, deixou evidente suas preocupações com as causas sociais. No discurso que proferiu, ao invés de simplesmente exaltar os méritos dos premiados, advertiu-lhes sobre a dívida social que tinham para com a sociedade que, trabalhando, dava-lhes o privilégio de frequentar o ensino secundário.

No parágrafo acima, relata-se a presença de Wallon como professor do ensino secundário, após sua graduação em Filosofia. E, em decorrência destas questões humanistas, em 1925, portanto quando tinha 45 anos, criou um laboratório de Psicologia biológica da criança, momento em que centrou seus estudos em Psicologia do Desenvolvimento.

Foi professor, em 1929, (portanto, aos 50 anos), na Universidade Sorbonne e vice-presidente do Grupo Francês de Educação Nova – instituição que ajudou a revolucionar o sistema de ensino daquele país e da qual foi presidente de 1946 até seu falecimento, também em Paris, em 1962.

Em 1947, propôs mudanças estruturais no sistema educacional francês; coordenou o projeto Reforma do Ensino, conhecido como *Langevin-Wallon* – conjunto de propostas equivalente à nossa Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) – onde está escrito que: “Nenhum aluno deve ser reprovado numa avaliação escolar”. Nessa hora, surge na mente de quem lê

algo assim uma interlocução imediata com Hoffmann (2009), Luckesi (2004) e Saviani (1988).

Alguns fatos, entre outros, são marcantes na vida de Wallon, tais como o gosto pela Psicologia que se revela, conforme Galvão (1995), ainda nos seus anos de estudos secundários e também se deve dar destaque ao fato de que sua vida ocorreu num período de instabilidade social e turbulência política, tendo mesmo assim manifestado seu gosto e sensibilidade para o mundo das artes.

Em relação ao gosto pessoal pela Psicologia, segundo Galvão (1995, pp.15-16):

Numa entrevista concedida já no fim da vida, Wallon conta que seu interesse pela psicologia se manifestou cedo, já na época em que terminava os estudos secundários. “Minha inclinação para a psicologia fez-se independentemente de qualquer influência exterior (...). Foi antes de mais nada uma disposição geral, uma questão de gosto, de curiosidade pessoal pelos motivos e razões que levam as pessoas a agir. Ainda hoje ocorre com frequência de eu extrair uma palavra de uma conversa e registrá-la sem bem saber o porquê” (Entrevista realizada em 1968 à revista francesa *Ênfase*, criada por Wallon em 1948).

No que se refere à autora situar o percurso da vida de Wallon, na citação acima, tem importância pelo fato de que este autor viveu até os 83 anos. Já, quanto à vida num período de instabilidade social e turbulência política, temos que no período de 1941/1944 a França foi ocupada pelos alemães, momento em que atuou na Resistência Francesa, tendo sido perseguido pela Gestapo, polícia política nazista.

No que tange à sensibilidade para o mundo das artes, ele considerava, conforme Galvão (1995, p.20), que “há um grande parentesco entre o artista e o cientista. O cientista tem necessidade de mais imaginação do que se costuma supor. Ele precisa remanejar a realidade para compreendê-la. O artista precisa desarticulá-la para reafirmá-la à sua maneira”. Por tudo isso, percebe-se uma sensibilidade para com o mundo apresentada por Henry Wallon ao longo de sua vida.

Características da abordagem walloniana

... é a observação que permite apontar problemas, mas são os problemas colocados que tornam a observação possível (WALLON apud GRATIOT-ALPHANDÉRY, 2010, p.14).

Wallon graduou-se em Medicina no ano de 1908, pois na época não havia na estrutura da universidade um curso específico de Psicologia, que era seu desejo inicial. Hoje sabe-se que para compreender a organização biológica do homem fez esta opção. No capítulo intitulado “Rumo à educação”, obra dedicada a descrever a trajetória de Wallon, Galvão descreve que havia uma percepção do autor sobre os *links* entre a psicologia e a pedagogia. Para ele, deveriam ocorrer colaborações recíprocas, pois considerava que a pedagogia ofertava um campo de observação à psicologia, enquanto esta, por sua vez, ofereceria instrumentos para o aprimoramento da pedagogia.

Em sua época, quando já havia críticas ao ensino tradicional, participou do Movimento da Escola Nova. Mas, de todas as teorias discutidas naquele momento, destacava as ideias de Decroly (educador belga), pois este educador também se preocupava com o fato de que a escola deveria encarar a criança como ser total, ou o que Wallon chamava de “Uma psicogênese da pessoa completa”. Esta questão é importante, pois situa o autor em posição contrária à psicologia da introspecção de Henry Bergson¹ (1859-1941), para quem o

¹Nobel de Literatura em 1927, o filósofo e diplomata Henri Bergson, nascido em 18 de outubro de 1859, em Paris, na França, está entre os autores franceses mais traduzidos no mundo. Sua obra-prima, *A evolução criadora*, foi publicada pela Editora UNESP, em 2010, com tradução a partir do texto original. Diante da apologia ao rigor

psiquismo é como entidade incondicionada (independente do mundo material). Para Galvão (1995, p.29):

Wallon admite o organismo como condição primeira do pensamento, afinal toda função psíquica supõe um equipamento orgânico. Adverte, contudo, que não lhe constitui uma razão suficiente, já que o objeto da ação mental vem do exterior, isto é, do grupo ou ambiente no qual o indivíduo se insere. Entre os fatores de natureza orgânica e os de natureza social as fronteiras são tênues, é uma complexa relação de determinação recíproca. O homem é determinado fisiológica e socialmente, sujeito, portanto, a uma dupla história, a de suas disposições internas e a das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência.

No entanto, “devido à adequação às características do seu objeto, Wallon adota o materialismo dialético² como método de análise e fundamento epistemológico de sua teoria psicológica, uma psicologia dialética” (Galvão, 1995, p.31). Conforme texto escrito em *Psychologie et dialectique*, por Wallon (1951), em tradução de Nilson Dória para o *Marxists Internet Archive*³, tem-se que “o materialismo dialético” é oposto ao existencialismo, porque nossa vida mental é perpetuamente condicionada pelas situações nas quais está engajada, sejam elas de acordo com suas próprias tendências ou contrárias a elas. E, assim,

A fecundidade das contribuições da psicologia genética de Wallon para a educação deve-se à perspectiva global pela qual enfoca o desenvolvimento infantil, mas também à atitude teórica que adota. Utilizando o materialismo dialético como fundamento filosófico e como método de análise, as ideias de Wallon refletem uma incrível mobilidade de pensamento, capaz de resolver muitos impasses e contradições a que levam teorias baseadas numa lógica rígida e mecânica (GALVÃO, 1995, p.132).

Por isso, para Galvão, o projeto teórico de Wallon pode ser definido como a *psicogênese da pessoa completa*, pois este se recusa a isolar para estudos um único aspecto do ser humano, centrando suas observações nos *campos funcionais* nos quais se distribui a *atividade infantil* (afetividade, motricidade e inteligência). Nesse modo de pensar, o homem é um ser social e por isso realizou seus estudos envolvendo a criança contextualizada.

Em termos metodológicos, a teoria Walloniana tem seus pilares na perspectiva genética e na análise comparativa (GALVÃO, 1995, p.32). E, ainda, considera que “a explicação de um fenômeno exige que se saia do plano em que ele se dá, já que um fato não pode conter a própria causa”, fato esse que é explícito por Galvão (1995), pois, quanto maiores forem os números de planos de comparação utilizados, mais completa a explicação dos fenômenos estudados.

Ressalta-se que a ideia “aparentemente” atual que configura a presença de um Educador Integral surgiu, nada mais, nada menos, no início do século passado, tendo representado, naquela época, uma verdadeira revolução no ensino francês. Uma revolução comandada por um médico, filósofo e psicólogo chamado Henri Wallon, apaixonado (tanto na política como na educação), firme em afirmações como as do tipo: reprovar é sinônimo de expulsar, negar, excluir. Ou seja, “a própria negação do ensino” (GALVÃO, 2010, [s.p.]).

científico e às leis do determinismo, Bergson lança a afirmação de que a totalidade tem a mesma natureza do indivíduo, em um movimento incessante, com um impulso de liberdade criadora que transforma de forma irrefreável a matéria. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/henri-bergson-renova-o-conceito-de-evolucao-em-sua-obra-prima>. Acesso em: dez. 2019.

²Perspectiva filosófica especialmente capaz de captar a realidade em suas permanentes mudanças e transformações.

³Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/wallon/1942/mes/psicologia.htm#topp>. Acesso em 01.12.2019.

Para esse psicólogo, o estudo da criança não é um mero instrumento para a compreensão do psiquismo humano, mas uma maneira de contribuir para a educação. Mais do que um estado provisório, considerava a infância como uma idade única e fecunda, cujo atendimento é uma tarefa da educação. A preocupação pedagógica é presença forte na psicologia de Wallon (GALVÃO, 1995, p.12). Assim, ao longo de seus estudos e anotações, como somatório de todas estas questões surgiu conceitos que constituíram a Teoria da Psicogênese da Pessoa Completa.

E, ainda, “Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva” (GALVÃO, 1995, p.43). Com efeito, a psicologia walloniana dispõe de cinco estágios, conforme exposto a seguir.

- Estágio Impulsivo-emocional: refere-se ao primeiro ano de vida e o colorido é dado pela emoção;
- Estágio sensório-motor e projetivo: até o terceiro ano, ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio (inteligência prática e simbólica);
- Estágio do personalíssimo, que cobre a faixa dos três aos seis anos, e a tarefa central é o processo de formação da personalidade;
- Estágio categorial: por volta dos seis anos, onde os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e a conquista do mundo exterior e,
- Estágio da adolescência finaliza a descrição dos estágios.

Para Wallon, há alternâncias entre momentos predominantemente afetivos e cognitivos, que são chamados de predominância funcional, ou seja,

O predomínio do caráter intelectual corresponde às etapas em que a ênfase está na elaboração do real e no conhecimento do mundo físico. A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu... Na sucessão dos estágios, há uma alternância entre as formas de atividade que assumem a preponderância em cada fase. Cada nova fase inverte a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas (GALVÃO, 1995, p.45).

A ideia de diferenciação⁴ é um conceito-chave na psicologia genética walloniana.

Contrário ao procedimento de privilegiar um único aspecto do desenvolvimento da criança, Wallon a estuda considerando os seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nos diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um e suas implicações com o todo representado pela personalidade. Para isso, considera os estudos em laboratório sempre muito limitados, optando por estudar a criança em seu entorno. Desta opção, resultam quatro temas centrais na sua teoria: emoção, movimento, inteligência e personalidade (GALVÃO, 1995, p. 33).

Quanto às *emoções*, para Wallon, estas têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral, são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino, conforme reportagem da edição “Os grandes pensadores”, da revista Nova Escola (jul. 2008).

⁴Todos os conceitos são desenvolvidos na íntegra na obra “Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil”, do ano de 1995.

Quanto à *afetividade*, as transformações fisiológicas em uma criança (ou, nas palavras de Wallon, em seu sistema neurovegetativo) revelam traços importantes de caráter e personalidade.

Conforme Santos (2003, p.2), a partir de Wallon, “a emoção é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, têm momentos de tensão e distensão que ajudam o ser humano a se conhecer”. Aqui, pode-se situar a importância de bem compreender o papel da emoção na aprendizagem, e de indagar o porquê de ser a emoção ainda uma componente, considerada ainda como de análise possível, muito mais ligada às questões de doenças do que, propriamente, da saúde educacional dos alunos em fase de escolarização. Pois, emocional é um termo que surge para justificar facilmente os problemas e dificilmente as soluções das questões que surgem em sala de aula.

O papel da *afetividade*, incluindo aqui a raiva, a alegria, o medo e a tristeza, bem como os sentimentos mais profundos, ganha função relevante na relação da criança com o meio. Ou ainda, conforme ideias de Galvão (1995), “a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social”, e por isso, certamente, a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

Quanto ao *movimento*, segundo a teoria walloniana, deve-se considerar que, inevitavelmente, as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. A motricidade, portanto, tem caráter pedagógico, tanto pela qualidade do gesto e do movimento quanto por sua representação.

Curiosamente, em escolas, de modo geral, o espaço das crianças menores é rico, colorido, em todas as formas e contextos, e, ao longo da escolarização, passa a ser delineado por classes enfileiradas e sem cor, além daquela dos próprios móveis. O ensino que antes era criativo, musical, teatral, poético, com tantos outros adjetivos, próprio da educação infantil, vai se esvaindo e recaindo sobre quadro e giz, e quando muito, nas mãos de um professor mais habilidoso, é desenvolvido um projeto em que os alunos dão voz as suas habilidades. Fora isso, toda a cor dos anos iniciais se perde ao longo das demais séries do ano letivo. O ano é corrido, os currículos precisam ser cumpridos, em algumas escolas, inclusive, ainda há quem os vigie sistematicamente.

Por que, então, a disposição do espaço não pode ser diferente? Não é o caso de quebrar a rigidez e a imobilidade adaptando a sala de aula para que as crianças e os alunos maiores, possam se movimentar mais? Mais que isso, que tipo de material é (in)disponibilizado para os alunos, maiores do que aqueles que estão na educação infantil, numa atividade lúdica ou pedagógica? Conforme as ideias de Wallon, lembrando que o autor viveu entre 1859-1962, a escola de sua época, ou seja, entre os séculos 19/20, infelizmente insistia em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa.

Quanto à *Questão do Sincretismo*, em estudos realizados por Wallon, com crianças (entre 6-9 anos), demonstram o quanto um desenvolvimento voltado às questões da *inteligência* depende essencialmente de como cada uma faz suas diferenciações com a realidade exterior. Primeiro porque, ao mesmo tempo, suas ideias são lineares e se misturam ocasionando um conflito permanente entre dois mundos, o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais, sendo sempre uma questão global. Nesse conflito entre situações antagônicas, ganha sempre a criança. É na solução dos confrontos que a *inteligência* evolui. Wallon diz que o sincretismo (mistura de ideias num mesmo plano), bastante comum nessa fase, é fator determinante para o desenvolvimento intelectual. Daí se estabelece um ciclo constante de boas e novas descobertas.

Surgem, ainda, as sempre primeiras indagações infantis sobre “O eu e o outro”. A construção do eu na teoria de Wallon depende essencialmente do outro, seja para ser

referência, seja para ser negado, principalmente, a partir do instante em que a criança começa a viver a chamada crise de oposição, em que a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si própria. Isso se dá aos três anos de idade, quando chega a hora de saber que “eu” sou, conforme Galvão (1995).

Emergem, assim, situações de “Manipulação (agredir ou se jogar no chão para alcançar o objetivo), sedução (fazer chantagem emocional com pais e professores) e imitação do outro são características comuns nessa fase”, como considera a professora Ângela Bretas, da Escola de Educação Física da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. “Até mesmo a dor, o ódio e o sofrimento são elementos estimuladores da construção do eu”, emenda Heloysa Dantas, em reportagem à revista *Educar para Crescer*⁵. Isso justifica o espírito crítico da teoria walloniana aos modelos convencionais de educação.

E, ao mesmo tempo, explica o porquê de sua reforma não ter sido aceita na França nos anos de sua mocidade, pois naquela época uma criança deveria refletir um adulto em miniatura. Logo, a formalidade educacional deveria ser um modelo a ser seguido e sobre o qual não se poderia sugerir afastamentos. Afinal, conforme Galvão (1995) e Dantas (1992), Wallon, na escola, como humanista que era, pretendia humanizar a inteligência, uma vez que, diferentemente dos métodos tradicionais (que priorizam a inteligência e o desempenho em sala de aula), a proposta walloniana põe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada. A abordagem é sempre a de considerar a pessoa como um todo. Elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano. As atividades pedagógicas e os objetos, assim, devem ser trabalhados de formas variadas. Numa sala de leitura, por exemplo, a criança pode ficar sentada, deitada ou fazendo coreografias da história contada pelo professor. Os temas e as disciplinas não se restringem a trabalhar o conteúdo, mas a ajudar a descobrir o eu no outro. Essa relação dialética ajuda a desenvolver a criança em sintonia com o meio, afirma Galvão (1995). No entanto, pretendendo olhar para as contribuições ao ensino de Ciências e Matemática é que se centra a questão no papel da emoção.

Wallon e as contribuições para o ensino de ciências e matemática: a hora e a vez de considerar o papel da emoção nas aprendizagens

Wallon colocou em foco a questão da emoção. Na década de vinte isso era uma novidade, tanto na França como no Brasil. Nessa perspectiva, se pode considerá-lo um humanista, pois são esses que revelam preocupações de devolver à sociedade tudo aquilo que dela recebe. E, diante destas questões, realizou estudos que ainda hoje são valorizados por educadores, no Brasil; até hoje Wallon é destaque em pesquisas, sendo reconhecido como o Psicólogo da Emoção.

Em se tratando do ensino de Matemática, em que muitas vezes os alunos são imersos em sentimentos de preocupações com notas que reprovam, com os juízos que fazem os outros a respeito dos seus saberes, é que se percebe o quanto as questões emocionais ainda são consideradas de modo irrelevante no contexto geral.

Com essa intenção, ao analisar as questões que envolvem, por exemplo, o IDEB, onde as questões de evasão são analisadas, com certeza o critério que pressupõe a emoção está presente, pois qual aluno, diante de um resultado ruim, desejará permanecer em uma sala de aula que o torna incapaz a evoluir. Os motivos desta incapacidade perpassam várias questões, entre estas pode-se considerar o fato de que muitos professores desconhecem que a emoção é extremamente orgânica, podendo ser um elemento utilizado de forma favorável à aprendizagem. Este favorável é proposto atualmente pela Neurociência, quando todo o

⁵Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon> - Acesso em 18.11. 2019.

processo da formação de sinapses é compreendido a partir da liberação de hormônios que podem detonar uma avalanche de emoções.

O que Wallon propôs envolvia a formação da pessoa completa, observando suas reações em seu contexto, evitando dissociar campos que são indissociáveis. Para a Matemática, isso é extremamente importante, pois, com frequência, afetividade e inteligência, dois dos campos funcionais por ele estudados, são ainda culturalmente separadas.

Normalmente, pouco se comenta sobre a afetividade, enquanto que a inteligência está sempre sendo monitorada. E observar esta (in)dissociabilidade, para o autor, é uma possibilidade de resgatar a presença do aluno em sala de aula. Assim, entendendo o psiquismo humano que se percebe como se dá a junção de consciência, movimento, inteligência e afetividade. Para Wallon, o movimento é visto como o primeiro sinal de vida psíquica. Vida essa que é considerada sob duas dimensões: a questão expressiva, que se localiza na base das emoções, e a outra, a dimensão instrumental, ou seja, a ação direta sobre o meio físico.

Situando o contexto de sala de aula, geralmente, os docentes observam a dimensão do movimento instrumental apenas utilizando a questão expressiva como justificativa de algumas atitudes muitas vezes comportamentais, separando-a da questão cognitiva.

Conforme Galvão (1995), o pensamento é, no primeiro momento, sustentado no movimento; ao se mexer, a criança constrói o fluxo de pensamento. E completa, ainda, que é estudando este processo que se compreende como a criança estrutura seu pensamento e este é o ponto importante para os educadores tanto de Matemática como de outras disciplinas.

Ao olhar a criança, sua forma de expressar-se, pode-se perceber que sua emoção expressa espontaneamente a forma como estão, possivelmente, acontecendo seus pensamentos. Outro aspecto comentado por Galvão⁶ (em entrevista disponível em site do Youtube, com um total de seis vídeos) é a complexidade do processo pelo qual a escola exige a contenção motora e a focalização da atenção, que são processos de autodisciplina mental ligados ao processo de aprendizagem. Esse modo de “conter os alunos” foi considerado por Wallon, desde a sua época, prejudicial à aprendizagem. Isso porque o movimento é compreendido como gerador do pensamento.

A escola trata autodisciplina mental e contenção motora como pré-requisitos para aprendizagem, só que esta relação, conforme Galvão, está mal compreendida pela escola, pois é também resultado de aprendizado. Quanto à questão da inteligência, Wallon considera que esta nasce das emoções, na sua fase inicial, quando a criança começa a aprender e adquirir sua linguagem. Este nascer da emoção demonstra os laços que existem entre afetividade e inteligência.

Outra questão é o apoio da inteligência com o ato motor. Este processo deve ir se desassociando com o crescimento, mas não totalmente. Para entender isso, basta pensar no quanto movemos as mãos ao falar. Dentro da questão da inteligência, Wallon situa a ideia de sincretismo. Esse conceito contém a questão da inteligência de misturar muitas coisas, desde a globalização, unindo as características do pensamento que ainda não dissociam objeto e qualidade. Por meio do sincretismo, o pensamento está preso à fase inicial do desenvolvimento da inteligência, onde a criança ainda não pensa o real por meio de categorias.

Não há um ponto terminal para desenvolver um estágio final para o desenvolvimento da inteligência. Não há também um estágio final. Wallon considera que as diferenciações são tão mais finas conforme as possibilidades oferecidas pela cultura. Desse modo, cada cultura impõe ou oferece formas diferentes de inteligência. Convém notar que, mesmo na vida adulta, algumas ideias e inovações só acontecem por meio do sincretismo, para que se chegue à fase do pensamento adulto que se pode chamar de categorial, como ilustra Galvão⁷.

⁶Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=3_qlR9xRggQ . Acesso em 14.11.2019.

⁷Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=3_qlR9xRggQ - Acesso em 12.11.2019.

Diante de todas estas constatações, pode-se perceber que aula de Matemática, especialmente, não contém habitualmente espaços para o sincretismo. O conteúdo ainda é conduzido pelo professor, enquanto os alunos adotam a posição de esperar. Porém, diante de tudo o que foi exposto, mesmo tendo passado no mínimo 15 anos de sua formação, incluindo aí educação básica e graduação, pouco o professor sabe sobre as questões que movimentam a inteligência e o afetivo dos seus alunos. Mudar este aspecto envolve, antes de tudo, uma melhor formação do professor, mas não há receitas prontas a adaptar. Há possibilidades de mudanças ao longo do processo de formação dos professores que, entendendo a emoção como uma ligação ao mundo, pode tornar as conversas de sala de aula em potenciais instrumentos para essa conexão.

Há emoções que ligam as pessoas ao mundo, inclusive a sala de aula, e há aquelas que, por sua vez, desconectam a pessoa de um local para conectar em outro. O problema surge quando este outro local está aquém/além da sala de aula.

Considerações finais

Após, descrever alguns elementos da vida de Henry Wallon ficou evidente a sua preocupação com a criança como um todo. Por meio de seus estudos, em função de sua formação inicial, a filosofia, seguida de medicina, compreende que a emoção é antes de tudo um acontecimento orgânico. Embora Wallon tenha realizado sua pesquisa na década de 20, na França, onde passou toda sua vida, suas ideias ainda não são claras para docentes de modo geral, pois a emoção ainda ocupa um papel secundário em salas de aula.

No que se refere à disciplina de Matemática, os receios de reprovação ainda são percebidos em turmas de alunos de todos os níveis. A inteligência ainda é desconectada, em salas de aula, da afetividade. Normalmente, a afetividade é tema de reflexões quando as notas dos alunos deixam de atingir o que se espera.

Se a emoção é o que liga a pessoa ao mundo, pode-se pressupor que, num sentido contrário, ela poderá ser a causa do desligamento. A Matemática, como disciplina, parece estar mais ligada às questões de promoções de inteligência do que de afetividade. No entanto, segundo Henri Wallon, afetividade e inteligência estão relacionadas intimamente; se uma dessas estiver em defasagem, a outra não terá como apresentar avanços.

Talvez essa seja a maior contribuição de Wallon à educação e especialmente à Matemática, ou seja, identificar que há uma correspondência em toda pessoa nem sempre visível enquanto elaboração pessoal, mas, ao mesmo tempo, marcante quanto ao seu nível de ocorrência, pois a insistência de emoções negativas levará alunos a desistirem de suas aprendizagens em escolas e universidades.

Se o que é considerado como um agir positivo torna-se um potencializador de desenvolvimento da afetividade, então, o que pode ser considerado negativo faz com que haja também a potencialização das aprendizagens e, conforme Henri Wallon, uma fraca afetividade é reflexo de problemas não detectados, mas compreendidos como dificuldades relativas à inteligência. Para o psicólogo da emoção, desde cedo, a criança é incentivada a não se movimentar quando adentra a escola. Diante disso, entendendo o movimento como uma questão que está aliada à formação do pensamento, logo, ao impedir que uma dessas ações aconteça também se limita a formação desse pensamento.

Na sequência, um menor desenvolvimento das ideias leva a dificuldades em articular os conceitos matemáticos e até mesmo as suas aplicações. Mas, não há um predomínio, na escola atual, dessa compreensão estabelecida. O emocional ligado à inteligência, bem como suas limitações em bem desenvolver-se, não são analisados sob o ponto de vista afetivo, salvo se ocorrer algum problema e for realizada uma avaliação psicológica pontual.

Nesse aspecto, entram em cena as discussões sobre a presença de psicólogos em escolas de educação básica, bem como em cursos de nível superior. Pois, se inteligência e

afetividade estão ligadas na forma como se estrutura o cognitivo de cada pessoa, não é verdade que essa compreensão se situa facilmente numa mesma área de formação. No caso, nem sempre os professores têm a compreensão do que/quanto a afetividade pode permitir de desenvolvimento das aprendizagens. Compreendendo ou não, estas desconexões continuam acontecendo. E, especialmente na disciplina de Matemática, não se precisa fazer qualquer esforço para perceber tal ocorrência. O empenho a ser realizado é no sentido de ser uma pessoa completa, para entender que todos os alunos precisam também atingir este estágio, pois, não há como oferecer isso se tal compreensão não for, antes de tudo, uma aquisição própria. E era a esse ponto que se desejava chegar, ao caráter reconhecido por Wallon como contagiante das emoções.

A emoção é simultaneamente social e biológica em sua natureza, pois realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 85)

Referências

- AARONSON, Jason (Ed.). **Psicologia e materialismo dialético em Henry Wallon – 1942**. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/wallon/1942/mes/psicologia.htm#topp>. Acesso em 16.11. 2019.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 1998.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**. 2. ed. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DEWEY, J. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 4. ed. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon – Parte 4**. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=3_qlR9xRggQ. Acesso em 14.11. 2019.
- GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.133p.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar. [Entrevista concedida a] **Aprender a Fazer**. Publicada em IP – Impressão Pedagógica – Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, n. 36, 2004, p. 4-6. Disponível em www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm Acesso em 15.11. 2019.
- RAULI, Patrícia Maria Forte. **Matrizes emergentes do pensamento pedagógico contemporâneo e suas contribuições à formação de professores da área de saúde**. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba: Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.
- SANTOS, Fernando Tadeu. Educação por inteiro. **Nova Escola On-line**. Grandes pensadores, n. 160, 2008. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-especiais/022.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2012.

SANTOS, Fernando Tadeu. **Henry Wallon**: a importância das emoções. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml>. Acesso em 01.07. 2011.

SAVIANI, Demerval. **Política e educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1988.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.